

Capital cobria-se de crepe pela irreparavel perda que soffria com a morte do autor do magestoso poema ΝΙΧΗΡΟΥ !

Morreu com 66 annos incompletos, tendo legado ás gerações futuras um nome tão immortal, que nem o correr dos tempos hade conseguir apagar das douradas paginas de nossa historia a sua ingente fama de consummado poeta, veneravel orador sagrado e distincto jornalista.

O nome de Januario da Cunha Barbosa, deve existir gravado nos corações de todos os naturaes da grandiosa terra dos Andradas.

Pelotas, 1869.

F. LIMA.



PENAS E SUPPLICIOS

DOS ANTIGOS E MODERNOS TEMPOS.

(TRADUÇÃO.)

POR — A. J. DIAS.

O supplicio, é um castigo corporal infligido por decreto da justiça.

Não faremos questão nem do direito de punir, nem dos effeitos dos diversos supplicios ; limitar-nos-hemos a enumerar rapidamente as penas e castigos usados nos tempos antigos e modernos.

Entre os hebreus, antes de entregar-se o paciente ao carrasco, qualquer que fosse o genero de pena a que era condemnado, dava-se-lhe a beber vinho misturado com incenso, mirra e outras drogas de um effeito energico, afim de adormecer-lhe os sentidos e tirar a sensação da dor. Neste estado, conduziam-o á morte, que tinha lugar pela estrangulação (por idolatria e blasphemia), pela cruz ; por apedrejamento ; pelo fogo ; pelo azorrague ; pelo ΤΥΜΠΑΝΟΝ, supplicio que consistia em deitar o penitente no chão e bater-lhe com um pau até exhalar o ultimo suspiro ;

pela degolação, pena reservada para os criminosos de grau elevado, aos quaes poupavam as longas torturas; pela serra, que consistia em cortar o paciente pelo meio do corpo com uma lamina dentada; pelos espinhos, que elles espetavam no corpo do sentenciado para depois os fazer profundar martellando com pedras; pelo precipicio, atirando o infeliz do alto de um rochedo ao alysmo; pela cegueira ou perda dos olhos, que os carrascos furavam com uma sovella quente ao fogo; pelo cavallete, que era apenas o preludio de outras torturas; pela chapa ardente, na qual o culpado era assado a fogo lento.

Este genero de supplicio foi empregado no martyrio dos Marquebeus. Raphael, fez um admiravel quadro em que esta execucao é representada com toda a verdade.

Os Egyptios, adoptaram pouco mais ou menos os mesmos supplicios. O primeiro d'estes povos, condemnava a serem afogados no Nylo os que eram accusados de impiedade e offensa contra os deuses; o insulto á velhice era punido com o azarrague e prisão; a morte na prisão pela fome, miseria, horriveis tratamentos, ou sómente pela duração d'ella, estava igualmente em uso.

Nabuco-Donosor introduziu no Egypto um novo modo de execucao capital que sobresahiu a todos os outros. Consistia em esolar vivo o condemnado e depois mettê-lo n'um forno quente, sendo o fogo alentado pelos carrascos.

Este supplicio vê-se ainda entre os persas. E' factio que Cambysé o fez soffrer a um juiz accusado de iniquidade: A pelle do paciente foi junta ao tamborete que elle occupava, e sobre este veio sentar-se seu filho para o substituir. A execucao d'esta horivel pena, era tão longa quão dolorosa. Deitava-se o culpado sobre uma taboa, e depois de amordaçal-o, um homem munido de uma faca bem afiada, tirava a pelle sem fracturar a carne. Um dos supplicios mais commum entre os persas e hebrieus, era o de arrancar os cabellos do delinquente e deitar-lhe sobre a cabeça cinza quente.

Serviam-se tambem da cinza quente para suffocar os grandes criminosos. A este respeito, vimos n'um commentario sobre a Biblia, pelo padre Calmet, os seguintes pormenores: «Enchia-se de cinza, por exemplo um subterraneo, e o culpado era atirado dentro de cabeça para baixo. Em seguida, com uma roda, faziam girar a cinza em torno d'elle até que estivesse completamente suffocado.»

O supplicio que os persas appellidavam diaphendonése, e que elles

infligiam aos accusados de adulterio, é um dos mais cruéis e horrososos que o genio dos carrascos pôde imaginar: Faziam vergar, com o auxilio de cordas ou machina, duas arvores uma sobre a outra, até conveniente distancia, e os pés do paciente eram amarrados um a cada uma; depois, ao signal dado, as cordas estendiam-se subitamente, as arvores tornavam á sua posição natural, levando cada uma d'ellas metade do corpo do suppliciado.

Os gregos, puniam com a morte o sacrilegio, a profanação dos mysterios divinos, os attentados contra o Estado e governo republicano; os desertores, aquelles q' tivessem abandonado ao inimigo uma praça armada ou navio; o furto commettido de dia, logo que passasse de 50 drachmes (150000); o roubo de noite, qualquer que fosse; e este se era praticado nos lugares publicos, quer de dia ou de noite.

A corda, a degolação e o veneno, eram os principaes supplicios usados entre este povo.

A' hora da execucao, o carrasco descia silenciosamente ao calabouço do condemnado e cumpria sem rumor sua terrivel missão. Toda a vez que o supplicio tinha lugar publicamente, o criminoso era lançado ao mar ou morto á pauladas na praça publica. Este ultimo castigo, ordinariamente infligia-se aos bandidos e larapios. Um homem absolvido de crime involuntario, devia exilar-se por espaço de um anno, e não podia reapparecer enquanto não desse satisfação pecuniaria aos parentes de sua victima e fosse purificado no templo.

Um accusado por crime de morte que desesperasse da installação de seu processo, do bom ou mau exito d'elle, podia se condemnar ao exilio antes do julgamento. Em caso de condemnação, seus bens eram confiscados, e se elle tornava ao territorio da republica, qualquer o podia apresentar á justiça ou mesmo matal-o.

Entre os athenienses, arrancava-se os cabellos áquelles que commettiam o adulterio; os crimes monstruosos eram punidos com um supplicio tão barbaro e, terrivel que só o lembral-o horroriza: consistia em fechar o penitente dentro de um cofre repleto de punhaes ponteagudos e bem afiados, onde elle quasi que repentinamente morria no meio de horriveis torturas.

A legislação penal militar ostentava uma implacavel e inflexivel severidade em Roma: os pais, podim fazer fuzilar seus proprios filhos por um simples factio de desobediencia. Um corpo inteiro, legião e mesmo uma

cohorte que tivesse recuado ante o inimigo, era decimada, e as victimas designadas pela sorte periciam debaixo do pau.

Todo o mundo sabe que as vestaes eram enterradas vivas toda a vez que tivessem deixado apagar o sacro fogo da castidade.

O primeiro parricidio commettido em Roma, trouxe apòs si uma repressão terrivel ; o culpado foi atirado ao Tibre mettido n'um sacco de couro hermeticamente cozido. A lei — Pompéa — modificou este supplicio, determinando que o parricida fosse, primeiro açoutado até escorrer sangue e depois fechado no dito sacco junto com um cão, um macaco ou mono, um galo e uma vibora !

Os ladrões apanhados em flagrante delicto, eram açoutados e cativados, se puberes, ou unicamente açoutados se impuberes ; os outros, simplesmente condemnados a restituir o objecto roubado. Mais tarde, esta pena foi revogada pela lei Porcia.

O escravo que tentasse fugir, podia ser condemnado á morte por seu senhor ; seu corpo era depois collocado sobre uma ciranda e lançado ás fêras ou ao Tibre.

Os açoutes precediam ordinariamente o ultimo supplicio. Algumas vezes, apòs a morte, o carrasco decapitava o cadaver. Os conspiradores politicos eram atirados do alto da rocha Tarpéa.

Os calumniadores, eram marcados na testa com a letra K (ou C).

(*Continúa.*)

Rio Grande, 1869.

THEMAS CLASSICOS.

Em tanto estimava o imperador Adriano o conselho, e tão pouco se pagava de si (sendo tão sabio como foi), que em qualquer negocio de boa vontade consentia ser admoestado, e ainda aconselhado, por humildes sujeitos. Portanto, o que quizer acertar, e dar mostras de sua prudencia, quando determinar fazer alguma coisa consulte a outros, e com seus votos a dê á execuçào ; porque assim como um medico ha mister outro (quando enfermo) para o curar, e não se fia de sua sciencia, assim importá muito buscar quem esteja mais visto nas coisas para nos aconselhar, se é certo que mais vêem quatro olhos que dois.

Para se fazer um edificio ou fabricar uma torre, não se lhe dá principio pelos telhados, nem se começa pelas grimpas e zimbórios, mas pelos alicerces; os quaes se abrem, cortam, e fazem conforme a machiua que sobre elles se ha de fabricar.

Assim o sabio mestre accommodará a doutrina á medida da idade do alumno, e o exercicio á potencia e forças, não fundando sobre barro estatuas de bronze, nem sobre areia grandes machinas; antes de maneira irá com o prumo na mão, que sempre seja menos o ensino do que a natureza poder, para que com maior doçura e menos trabalho se lhe applique o discipulo.

Tomae um vaso, e deitae-lhe dentro o licor que quizordes, ou tenha bom ou mau cheiro; e vereis que conserva sempre em si aquelle que teve a principio. Da mesma maneira os meninos; aquella doutrina que na primeira idade receberam, com essa ficam até á morte.

Tomae uma arvore pequena e tenra, tirae-a da parte onde está, e transplantae-a em outra. Porventura custar-vos-ha muito arrancal-a, ou seccará? Não por certo; antes em poucos dias tornará a seu primeiro ser, na frescura, folha e fructo. E a essa mesma, depois de quantidade de annos, e tendo lançado grossas e largas raizes, se lhe quizerdes fazer o mesmo beneficio, podereis com a facilidade que tivestes quando ella era criança? De nonhuma maneira; porque então já não aproveita a arte e o poder do pomareiro, senão o poder e força do machado. Pelo que, isto de doutrinar o principe, industrial-o, e obrigal-o a seguir a virtude, seja em seus primeiros annos, e quanto mais na infancia melhor.

(Transc.)

CHARADA. — (6.º)

Originaria da India,
P'ra Europa eu passei,
Produziudo n'Africa,
Na America me acclimei;
Sou de todos estimada,
Por ser mui açucarada.— 2

Sempre, sempre correndo,
Não fujo da segurelha,
Tendo firme companheira,
Piratiny, 1869.

Faço com ella parelha:
Em troca do grão recebido,
Damos pó, e pó querido.— 1
C.

De mim não fazem cambraia,
Não ha sedeiro que m'afine;
Sou por natureza grosseiro,
Ninguem mais s'amofine:
Contentem-se em tecer lona,
Para véla da bujarrona.

G. DE F.

POESIA.

À UMA SCISMADORA.

Em que scismas, anjinho !.. porque triste
Sobre a mãosinha tua fronte inclinas ?..
Quando a brisa da tarde perfumada
Vem gemer entre tuas vestes finas ? !..

Porque meditas !.. que tristeza é esta ?..
Cobre-te o rosto a pallidez dos lyrios,
E a flôr dos labios — rouxas violetas
Descerradas em noites de martyrios.

Oh! ergue tua fronte, onde a tristeza
Subtilmento cerrou as negras asas,
Volve teus olhos... busca a luz dos meus,
Que a ambrozia do céu sobre mim vasas.

Que linda eras assim, pallida e triste
De olhares languidos... collo offegante,
Que a musselina branca que cobria,
Detel-o não podia no arfar constante.

Oh! tu não sabes quanta vida foge
Em cada gotta que te inflita o seio,
Em cada arquejo que te cõra a face
N'essas horas de scisma e devancio.

Oh! não medites não! imagem viva
De um anjinho que em sonhos adorei,
Que de joelhos vi, sustendo a fronte
Em sua mão que eu a sonhar bejei.

Não me avives assim, lembranças mortas
— Páginas lidas do meu livro d'alma,
Com veneno traçadas e com sangue
Que roubou-me do peito a doce calma.

Oh! ergue tua fronte, onde a tristeza
Subtilmente cerrou as negras asas,
Volve teus olhos... busca a luz dos meus,
Que a ambrozia do céu sobre mim vasas.

1868.

ACHYLLES, PORTO ALEGRE.